

## O riso como remédio: o trabalho dos Terapeutas da Alegria<sup>1</sup>

Guilherme LONGO<sup>2</sup>

Cárlida EMERIM<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, SC

### RESUMO

O presente trabalho, fruto da disciplina de Fotojornalismo II, objetivou retratar as atividades desenvolvidas por um grupo de alunos que integra o projeto “Terapeutas da Alegria”, que atua no Hospital Universitário da UFSC, em Florianópolis (SC), através de um Projeto de Extensão. Para tanto, buscou-se analisar as ações do grupo, em diferentes espaços, desde a preparação até a inserção final junto aos pacientes internados e seus familiares acompanhantes. O resultado foi um conjunto de fotografias que se propuseram a mostrar a emoção e a humanização dos alunos voluntários envolvidos no projeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotojornalismo; Gêneros; *Feature photos*; Fotorreportagem; Terapeutas da Alegria.

### 1 INTRODUÇÃO

No ano de 2008, professores do Curso de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), registraram um Projeto de Extensão, o *Terapeutas da Alegria*, hoje existente no Brasil inteiro, seguindo o mesmo modelo do projeto “Doutores da Alegria”. Ações realizadas por este tipo de projeto ficaram muito conhecidas depois do sucesso do filme *Patch Adams – o amor é contagiante*, de 1998, estrelado por Robbie Williams. Nele, Patch, um médico, descobre os benefícios do riso no tratamento de um paciente e passa a se vestir de palhaço para agradar aos enfermos.

A diferença no caso da UFSC é que são alunos quem assumem esse papel vestindo-se de palhaços e visitando o Hospital Universitário com o objetivo de alegrar e divertir os internados. Mas não se trata, apenas de “vestir o personagem”, para fazer parte do projeto, é preciso passar por um processo seletivo. A seleção é aberta à toda a comunidade universitária e são 20 vagas ofertadas por semestre. Depois de selecionados, os alunos recebem um treinamento específico, durante um ano, que os capacita para tal experiência,

---

1 Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo (conjunto).

2 Aluno da 4ª fase do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, [guilherme.longo93@gmail.com](mailto:guilherme.longo93@gmail.com).

3 Orientadora do Trabalho, Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora na Graduação e Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Coordenadora do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTLE); [carlidaemerim@gmail.com](mailto:carlidaemerim@gmail.com).

aprendendo desde o básico da arte circense até como lidar com pessoas em diferentes situações emocionais. Ainda, durante essa primeira etapa, os futuros terapeutas criam o seu palhaço, uma espécie de *alter ego*, que passarão a usar nas visitas que farão. Eles criam nomes e idiossincrasias próprias, desde gostos até trejeitos e as próprias roupas que caracterizará o personagem. Após essa etapa, os alunos concluintes se formam como Terapeutas da Alegria, (alguns desistem no meio do caminho porque o processo é bem sério e é preciso vontade e perseverança) e só então passam a fazer as visitas. A cada semestre elas acontecem em diferentes pontos do HU, o que vai preparando os voluntários a cada fase, para lidar com os casos que aparecem; com o passar do tempo eles começam a enfrentar situações mais difíceis.

A visita, para os terapeutas da alegria, se constitui de três etapas: a apropriação da personagem, a visitação e uma dinâmica de grupo no final para saírem da personagem e compartilhar as experiências do dia. Na primeira, eles se reúnem em uma sala dedicada ao projeto, e lá dão início as primeiras interações entre os palhaços, para, assim como no teatro, entrar no personagem. Após a conclusão da primeira parte, eles se dirigem ao hospital e no meio do caminho interagem com as pessoas nos ambulatórios e emergências, além dos funcionários, que gostam bastante do contato com os palhaços.

As visitas acontecem no horário de janta dos pacientes, entre 17 e 19 horas. Nos quartos, se apresentam aos pacientes e suas respectivas famílias, primeiramente pedindo autorização para realizar a visita, respeitando a vontade de cada um. Com a autorização concedida, dão início a uma conversa simples, mas muito interativa e, ao mesmo tempo divertida, para aproximar-se das pessoas através do humor. Como o personagem de Williams já afirmava no filme, o riso auxilia na melhora dos pacientes ao tratar, principalmente, o psicológico, abalado por estar numa situação que, geralmente, remete à tristeza.

Os palhaços também se preocupam com o bem-estar dos pacientes: sempre perguntam se algo está faltando a eles ou se possuem alguma reclamação que possam encaminhar para à direção ou enfermeiros.

Após 15 minutos de permanência no quarto os palhaços partem para o quarto seguinte e, assim, até o final de sua *ronda*. Nesses intervalos, também gostam de realizar brincadeiras no corredor para animar os pacientes, os médicos, os enfermeiros e os faxineiros. Entre as suas atuações, eles montam pequenas coreografias, fazem bolhas de sabão, leem histórias, enfim, movimentam os quartos e corredores, fazendo notar a sua

passagem pelo caminho. Quando ela chega ao fim, os palhaços se reúnem ao fundo do Hospital Universitário para a última etapa do dia, onde realizam uma dinâmica para “sair do personagem”. Eles fazem uma roda e começam a trocar as experiências e o que sentiram nos diferentes quartos visitados. Nesse momento, muitos se emocionam ao relembrar alguém que por pelo menos alguns minutos, o marcou bastante.

No final, para os alunos, a experiência é gratificante. Eles dizem que isso não só ajuda aos pacientes, mas colabora para o crescimento pessoal.

Baseado nesse acompanhamento e considerações é que se decidiu retratar a atividade dos alunos no projeto como Trabalho Final da disciplina de s considerações que o trabalho: “O riso como remédio: o trabalho dos Terapeutas da Alegria” foi escolhido como produção final da disciplina de Fotojornalismo II. Mostrando principalmente como a visita afeta positivamente o humor dos pacientes e sua conseqüente recuperação. As fotos, obtidas ao longo do acompanhamento de duas visitas, tentam registrar o máximo possível as diferentes etapas que os alunos passam no dia das visitas e também suas relações após a conclusão.

## **2 OBJETIVO**

O principal objetivo da fotorreportagem era colocar em prática os aprendizados da disciplina de Fotojornalismo II, ministrada no segundo semestre de 2012, pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Cárilda Emerim, investindo numa pauta que pudesse mostrar uma narrativa de um fato, factual ou não. Unindo a teoria, a reflexão e a prática do fotojornalismo, partindo da pauta dos Terapeutas da Alegria, escolheu-se mostrar a importância do trabalho destes alunos para o Hospital Universitário como um todo: pacientes, enfermeiros e funcionários terceirizados. Porém, a pauta sobre o impacto emocional do projeto para os alunos envolvidos pareceu mais forte e dominou a narrativa fotográfica. Nesta direção, partindo do que é proposto por Barthes, em “A Câmara Clara”, que é atingir o *punctum* foi condicionante: o importante é fugir do interesse geral, causar uma ferida, emoção maior, algo que no geral pudesse mexer com o espectador, causando um certo nível de empatia. De modo que, como objetivo principal, foi experimentar, na prática, as possibilidades de entender o fotojornalismo como um modo de compreender o mundo, para além da sua função principal que é a de registrar os fatos.

### 3 JUSTIFICATIVA

Desde o lançamento do filme *Patch Adams: O amor é contagioso* (Tom Shadyac, 1998), a prática de projetos semelhantes ao do *Doutores da Alegria* tem se tornado mais comum nos hospitais brasileiros. Na maior parte, os participantes são voluntários que periodicamente visitam os enfermos para trazer algum conforto. Mas eles nunca obtiveram uma repercussão mais digna de sua verdadeira e real importância para esta parcela da população e para a sociedade em geral. Como o autor já participou de um grupo semelhante já tinha uma identificação com o tema e, depois, descobriu a existência do Terapeutas da Alegria na universidade e a pouca divulgação da proposta entre os estudantes da UFSC, diante destas considerações, decidiu pela pauta.

Não só a pauta é relevante por si só, como importante para a comunidade universitária, que em grande parte, nem sabia da existência da trupe de palhaços e poderia interessar-se a fazer parte do grupo. Também, segundo o que preconiza Quintas (2007), quando propõe compreender a fotografia jornalística como um objeto de estudo com um propósito de análise: “Seja como um documento social ou expressão artística, o registro fotográfico propõe, remete e indica caminhos e alteridades que merecem ser objeto de estudo, pesquisa, leituras e análises”. Mas a pauta surpreendeu: ao invés de ver emoção nos pacientes (embora ela exista e seja grande motivo do Projeto), foi a emoção dos voluntários que mais chamou a atenção. Uma emoção e amadurecimento que transparece nas ações e nas imagens. Estas são as justificativas para a escolha do tema e da abordagem do trabalho.

### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na disciplina de Fotojornalismo II, o conteúdo programático se aprofundou em técnicas de fotojornalismo, forma de compreensão e análise das imagens, seus diferentes gêneros, além da prática para o domínio dos principais componentes de uma câmera DSLR, partindo do exercício de pensar a pauta e a abordagem par ao fotojornalismo.

Na produção da fotorreportagem, foram colocados em prática todos os ensinamentos teóricos vistos ao longo do semestre além dos diversos exercícios de aula que envolveram o uso da câmera. Assim, o método segue a pesquisa aplicada (pesquisa-ação) proposta por THIOLENT (2011), que enfatiza o experimento, o fazer como premissa para a qualidade produtiva do conteúdo. A técnica parte das rotinas do jornalismo, apuração da pauta e

acompanhamento da rotina de atuação dos Terapeutas, entrevista com os envolvidos e discussão com o editor (no caso, a professora da disciplina) para a angulação e abordagem. Depois, se recorreu à produção de imagens para testes sobre luz e cor nos ambientes a serem retratados. Para integrar a fotorreportagem, fotografou-se, de forma planejada e combinada com os participantes, duas visitas acompanhadas, nos dias 05 e 12 de dezembro, registrando todas as etapas de atuação dos Terapeutas da Alegria. Para este registro foi utilizada uma câmera Nikon D300s e uma objetiva da mesma marca, 18-70mm. Para não causar incômodo ou problemas na visita e a própria saúde e bem estar dos pacientes, optou-se por não utilizar o *flash*.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto é um conjunto de fotografias que propõem exibir a narrativa fotográfica mostrando o trabalho dos alunos que atuam no projeto Terapeutas da Alegria, evidenciando o envolvimento e a emoção compartilhada por eles durante o processo de atuação junto com os pacientes, médicos, enfermeiros e familiares, além dos funcionários que atuam no entorno deste espaço como faxineiros e vigilantes. Para melhor apresentar este trabalho, organizou-se as doze fotografias no modelo fotolivro, inserindo capa, apresentação escrita na abertura, as imagens numa sequência narrativa de ação do projeto (preparação dos personagens, atuação e desconstrução) e créditos finais. Como já se apontou, para realizar a cobertura fotojornalística foi utilizada uma câmera Nikon D300s e uma objetiva da mesma marca, 18-70mm, sem o uso de *flash*, o que obrigou a empregar sensibilidade mais alta na tentativa de capturar mais luz e, ao mesmo tempo, que permitisse que as imagens não perdessem a nitidez e não granulassem demais na ampliação. Ou seja, exercitei e consegui aprender a utilizar, com um pouco mais de rapidez e de forma mais intencional, a velocidade do obturador, a profundidade de campo, o uso do ISO e os diferentes planos na tentativa de obter as melhores fotografias possíveis dentro do objetivo de informar.

Outra perspectiva era a de não utilizar interferência dos softwares de manipulação de imagens para recuperar as imagens, na tentativa de desafiar-se a experimentar, o mais próximo possível, as limitações e as dificuldades de uma cobertura fotográfica cotidiana. Foi utilizado o Adobe PhotoShop apenas para pequenas correções e adequações para a inserção das imagens no fotolivro, ou seja, no seu processo de edição como produto.

Em relação ao processo, durante as visitas que acompanhei, tentei ser o menos invasivo possível, já que estava lidando com algo delicado. Mas mesmo a recepção dos próprios enfermos foi bem positiva com relação à exposição fotográfica. Assim pude aspirar uma série de imagens que pudessem retratar todo esse contato do palhaço com o paciente, tentando unir informação, qualidade e sensibilidade.

Na captura, optei pela técnica das *feature photos*, apontadas por Jorge Pedro Souza, que encontram grande parte do sentido em si próprias. Isso permite uma maior liberdade artística ao fotógrafo, não prendendo necessariamente a todas as regras aprendidas em aula.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Algumas regras mais comuns de enquadramento tiveram que ser revistas e a Regra dos Terços foi fundamental para auxiliar nas mudanças e “quebras de regras” necessárias para o retratar. Muitas delas ocorreram porque os quartos do Hospital Universitário não possuíam grandes espaços internos, o que diminuía, sensivelmente, a profundidade de campo, além da falta de iluminação mais adequada, porque, mesmo com os testes anteriores, na hora dos registros, a luz era outra por fatores simples (mas que foram condicionantes) como troca de lâmpadas (que não seriam as de praxe do lugar), o que mudava a luz e a tonalidade.

Mas estes obstáculos foram muito importantes para perceber a dificuldade em reunir técnica, desdobramento da pauta e qualidade da imagem em situações reais de registro fotográfico. A mais difícil, talvez, tenha sido na primeira visita, porque as mudanças não estavam previstas e de forma muito rápida, foi preciso descobrir uma solução, sem poder parar o que estava acontecendo para ajustar equipamento.

Ao usar em sua maioria planos fechados, tento chegar o mais próximo possível do principal expositor de emoções do corpo humano: o rosto. No sorriso dos pacientes e familiares, na concentração dos Terapeutas antes da visita, com intenção de mostrar o quão importante esse projeto é para a comunidade como um todo e para os alunos envolvidos. Essas diferentes possibilidades ajudaram na captação de momentos importantes das visitas, principalmente os que envolviam uma maior carga de emoções.

Nas fotos escolhidas, preferi trazer algo que retratasse o que vim dizendo ao longo de toda a descrição. Nela, uma das terapeutas brinca com algo extremamente simples, bolhas de sabão, para animar os pacientes que se encontram nos corredores e nos quartos. Segundo os palhaços, essas bolhas seriam responsáveis por trazer saúde, felicidade e muito

humor na vida dos enfermos, fatores responsáveis para a melhora das condições das pessoas internadas, para que assim, não precisem voltar ao Hospital por um bom tempo. Por último, aprendi que mesmo sendo repórter fotográfico e assumindo, de imediato, um olhar sobre os fatos, em muitos momentos é difícil não misturar as emoções com o que está se vendo acontecer diante de nossas lentes e que o exercício contínuo do fotografar (na universidade) e da análise do que foi realizado se torna extremamente importante para qualificar e formar um fotojornalista preparado para atuar no mercado.



A escolha do tema foi motivada, entre outras condições, pela necessidade que se via de fazer as pessoas conhecer tal projeto, que possui um papel importante na cura dos pacientes. Nas duas visitas que acompanhei, pude confirmar e retratar isso com as lentes da câmera. Tentei, o máximo possível, retratar o real, representado pelos enfermos e suas famílias, e o encantamento, representado pelos Terapeutas, com seus narizes vermelhos, chapéus coloridos, entre outros acessórios.

No trabalho de campo, os principais aliados foram a sensibilidade e a percepção, que foram fatores fundamentais para perceber qual era o melhor momento a ser retratado. Assim, creio que consegui mostrar meus dois objetivos iniciais sobre essa pauta: a importância do projeto para o Hospital Universitário da UFSC e como um todo e sobretudo,



a importância do Projeto para os próprios voluntários, que a cada semana passam por incorporações de personagens e saem espalhando alegria para todos os pacientes.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANG, Tom. **Fotografia digital: uma introdução**. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2007.
- BAEZA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.
- BARTHES, R. **A Câmara Clara**. Nova Fronteira, 1984.
- FONTCUBERTA, Joan. **Estética fotográfica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro, Ed. Gama Filho, 1999.
- JEHOVAH, F. **Fundamentos do jornalismo fotográfico**. São Paulo: Iris, 1965.
- QUINTAS, G. **Os sentidos da fotografia**. In: *Jornal do Comercio*, Recife, PE. 22/set/2007.
- SOUZA, P. J. **Fotojornalismo, Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Griphos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.
- THIOLLENT, Michael. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- TRIGO, Thales. **Equipamento fotográfico: teoria e prática**. 3ª ed. São Paulo: Senac, 2005.
- VAZ, Paulo Bernardo (org.). **Narrativas fotográficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. Barcelona: Paidós, 1987.